

CONFLITOS CULTURAIS NO TERRITÓRIO CAMPONÊS: A LUTA POR EMPODERAMENTO FEMININO DA AMARI¹

Cultural conflicts in peasant territory: Amari's struggle for female empowerment

Conflictos culturales en territorio campesino: la lucha de Amari por el empoderamiento femenino

Jéssica Ferreira Costa²

RESUMO

Este estudo se volta para o desnivelamento cultural entre agricultura convencional hegemônica e a alternativa de produção agroecológica, que busca por equidade de gênero e estabelece uma nova forma de produção de alimentos e comercialização, estabelecendo outra relação cultural das mulheres camponesas e protagonismo na produção no campo. O recorte espacial deste estudo é a Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI localizado no Distrito Nova Colina, município de Ji-Paraná em Rondônia. A organização AMARI é formada por nove mulheres que protagonizaram a idealização, formação e materialização da associação. Procurou-se mostrar os benefícios da Agroecologia para a agricultura familiar e para a economia local, sempre desejosa de construir justiça social e sustentabilidade ao defender os recursos ambientais e por igualdade entre gênero. O termo sugere uma interação simultânea de preservação ambiental e de promoção socioeconômica das famílias agricultoras, a interação entre essas instâncias reconhece o lugar mulher e de seu trabalho na concepção e reprodução do sistema familiar agrícola. A partir da agroecologia, rompem visões hegemônicas da produção convencional, e produzem novas formas de relação social entre homens e mulheres, posto que ao romperem a invisibilidade feminina na produção, alcançam novas consciências de empoderamento e autonomia da mulher camponesa, galgando assim visão decolonial no campesinato.

Palavras chave: Cultura; Agroecologia; Sociedade Sustentável.

ABSTRACT

This study focuses on the cultural unevenness between hegemonic conventional agriculture and the alternative agroecological production, which seeks gender equity and establishes a new form of food production and marketing, establishing another cultural relationship of peasant women and protagonism in production in the field. The spatial focus of this study is the Association of Agroecological Women from the Riachuelo Sector - AMARI located in the Nova Colina District, municipality of Ji-Paraná in Rondônia. The AMARI organization is formed by nine women who were the protagonists in the idealization, formation and materialization of the association. We tried to show the benefits of Agroecology for family farming and for the local economy, always desiring to build social justice and sustainability when defending environmental resources and for gender equality. The term suggests a simultaneous interaction of environmental preservation and socioeconomic promotion of agricultural families, the interaction between these instances recognizes the place of women and their work in the conception and reproduction of the agricultural family system. From agroecology, they break hegemonic visions of conventional production, and produce new forms of social relationship between men and women, since by breaking the female invisibility in production, they reach new awareness of empowerment and autonomy of peasant women, thus gaining a decolonial vision in the peasantry.

¹ Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo – AMARI. Ji-Paraná, Rondônia.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia - GTGA/UNIR. E-mail: jessicateologia@hotmail.com

Keywords: Culture; Agroecology; Sustainable Society.

ABSTRACTO

Este estudio se centra en el desnivel cultural entre la agricultura convencional hegemónica y la producción agroecológica alternativa, que busca la equidad de género y establece una nueva forma de producción y comercialización de alimentos, estableciendo otra relación cultural de la mujer campesina y protagonismo en la producción rural. El foco espacial de este estudio es la Asociación de Mujeres Agroecológicas del Sector Riachuelo - AMARI ubicada en el Distrito Nova Colina, municipio de Ji-Paraná en Rondônia. La organización AMARI está formada por nueve mujeres que fueron las protagonistas en la idealización, formación y materialización de la asociación. Intentamos mostrar los beneficios de la Agroecología para la agricultura familiar y para la economía local, siempre deseando construir la justicia social y la sustentabilidad en la defensa de los recursos ambientales y la equidad de género. El término sugiere una interacción simultánea de preservación ambiental y promoción socioeconómica de las familias agrícolas, la interacción entre estas instancias reconoce el lugar de la mujer y su trabajo en la concepción y reproducción del sistema familiar agrícola. Desde la agroecología, rompen visiones hegemónicas de producción convencional, y producen nuevas formas de relación social entre hombres y mujeres, ya que al romper la invisibilidad femenina en la producción, alcanzan una nueva conciencia de empoderamiento y autonomía de la mujer campesina, elevándose así a un decolonialismo. visión en el campesinado.

Palabras clave: Cultura; Agroecología; Sociedad Sostenible.

GÊNERO NO CAMPO: As contradições que desafiam a mulher camponesa

“Eu gosto de ter a planta e de observar a planta”
(Rosa- AMARI)

Todo acreditar traz consigo a esperança, que pronunciada no verbo ativo para tonar-se *esperançar*, e não comunga com a indiferença e imparcialidade, mas com a resistência e construção de dias melhores, tal como ensina Freire (2014, p. 110 – 111), [...] é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*, porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*.

Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. Esse esperançar que aqui está posto é feito por mulheres no campo que buscam romper com o patriarcado camponês que as excluem diariamente. E nessa ousadia provocam conflitos capazes de modificar suas realidades, abrindo caminhos nas divergências para construírem sua autonomia e uma nova cultura camponesa, mais igualitária, justa e decolonial (SIMMEL, 1983).

Compreende-se a imprescindibilidade em lançar conversações sobre experiências e saberes da mulher em relação ao manejo sadio com a terra, e a comercialização na cidade, estabelecendo novas culturas e críticas ao sistema colonial e patriarcal para a solidificação de novas alternativas ao desenvolvimento (BARRAGÁN; LANG; CHÁVEZ; SANTILINA, 2020). Todos esses diálogos

são primordiais ao se evidenciar as divergências entre os sexos na cultura camponesa, e no desafio contra hegemônico da produção convencional, predominante em Rondônia.

Há uma cultura conservadora estabelecida no campo, que põem a mulher submissa e sem protagonismo na produção familiar, e as mulheres da Associação de Mulheres Agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI, encontraram em sua constituição coletiva diversos percalços, preconceitos e divergências familiares e comunitária. E, coletivamente têm lutado por seus espaços enquanto abrem caminho para uma nova cultura relacional no campo e na produção, a partir da agroecologia.

Pensar o desenvolvimento no campo a partir do feminismo é um grande avanço para decolonizar práticas hegemônicas do patriarcado, colonialidade, modelo produtivo e desenvolvimento (BARRAGÁN; LANG; CHÁVEZ; SANTILINA, 2020). Crê-se que a lógica de dominação sobre a natureza e seus recursos, apresentados como desenvolvimento pela agricultura moderna é a mesma que estrutura as desigualdades entre os gêneros (SILIPRANDI, 2015). Portanto, tal realidade aliada com o conservadorismo no campo, têm naturalizado ao longo do tempo a dependência e submissão feminina ao homem, retirando as significações e possíveis identidades da mulher, enquanto produtora rural (SILIPRANDI, 2015).

Este trabalho responde a problemática: A hegemonia da produção agrícola convencional centralizada no homem interfere na alternativa de produzir de forma agroecológica e na equidade de gênero? A partir dessa problemática houve a condução para o seguinte objetivo geral: Analisar de que forma a ausência de recursos econômicos e técnicos inviabilizam a produção agroecológica e a autonomia das mulheres que integram a Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI.

Para que pudesse chegar ao destino final, os caminhos trilhados foram respectivamente de investigar as ocorrências: a) Perceber como ocorrem as relações de gênero no campo e se há um empoderamento da mulher na agricultura no ampliado ao âmbito agroecológico; b) Compreender as formas de resistência dos/as agricultores/as através da agroecologia frente à ameaça do agronegócio; c) Verificar junto às mulheres da AMARI a comercialização dos produtos.

Figura 1: parte do trajeto percorrido para as visitas nas residências das mulheres da
AMARI



Fonte: COSTA, 2018.

O estudo aqui exposto torna-se relevante para a desconstruir a concepção cultural de que a agricultura convencional propicia os homens e as mulheres a autonomia na produção. E, busca compreender a emergência de conflitos que se sobrepõe ao território a partir do desnivelamento desigual entre homens e mulheres e as mudanças possíveis de serem estabelecidas no campo desde as culturais, sociais e políticas que ocorrem desde o ambiente familiar até a comunidade, e da busca por um novo tipo de produção, como a agroecologia, forma de plantio escolhido pela AMARI e que revela também a interação entre campo e cidade partir da comercialização de produtos agroecológicos fornecidos pela AMARI.

METODOLOGIA

A metodologia selecionada para a produção desse trabalho foi a qualitativa participativa, tendo em vista o anseio em ouvir a comunidade local, compreendendo seus percepções e sentimentos sobre os espaços que ocupam (Pires, 2008, p. 90).

Para analisar a realidade, recorreu-se ao método dialético, por ser conduzir a uma profunda compreensão dos fenômenos da realidade, e observar suas contradições e processos de devir, uma vez que uma realidade não fica estagnada ou petrificada, mas altera-se e se transforma cotidianamente (LAKATOS & MARCONI, 2006).

Como coleta de dados, foram selecionadas 9 (nove) mulheres da AMARI que participam socialmente e politicamente das discussões acerca da produção agroecológicas em seus territórios. O espaço empírico da AMARI, foi investigado, também, por meio do utilizados o uso de estudo de caso, observação e pesquisas bibliográficas ao longo de todo o processo da presente pesquisa.

DA TEORIA PARA A VIVÊNCIA: As práticas agroecológicas da AMARI e a consolidação de novas culturas camponesas

O agronegócio é conhecido pela sua alta expansão de produção, gerando latifúndio e desigualdades socioespaciais ao exportar sua produção para fins econômicos que não favorecem a economia local (CAMPOS, 2011), essa hegemonia de produção não se solidarizam com os povos tradicionais e indígenas, mulheres, com o campo, e responsabilidade socioambiental (COSTA SILVA, 2014), e transforma a Amazônia, em uma “zona” pelo processo de exploração e violência nesse imenso bioma brasileiro.

Campos (2011) compreende o agronegócio enquanto uma complexa rede de articulação do capitalismo, fortalecido no contexto neoliberal, esse sistema de produção convencional produz uma hegemonia de grupos multinacionais conectando o latifúndio e o Estado para o lucro e acumulação capitalista. O modo convencional em sua ânsia por lucro, dentro do sistema capitalista, tem desmoronado relações, poluído o ar, a água e causando inúmeras alterações negativas ao ecossistema em que este se instala.

Novas formas de produção são possíveis, as alternativas agroecológicas lançam propostas de manejo com a terra sustentável e ecológico, produzindo alimentos orgânicos, e tornando a família agricultura autônoma, fortalecendo a economia local (ALTIERI E NICHOLLS, 2006). Logo, iniciativas da população rural, como da AMARI, devem ser amplamente defendidas e incentivadas, pois são rentáveis economicamente e sociambientalmente necessárias para a defesa da vida.

Em Rondônia o agronegócio se instala a partir da década de 1990 pela via do eixo da BR 364 onde, [...] começa a ser ocupado pelo agronegócio, [...], implantando uma agricultura com alto uso de máquinas, adubos e agrotóxicos, que expulsa as famílias do campo, polui as águas, solo e ar e produz exclusivamente para atender as demandas para exportação[...]. (NUNES e SOUZA, 2018, p. 227).

Conflitos culturais no território camponês: a luta por empoderamento feminino da Amari
Jéssica Ferreira Costa

A maior ameaça para a vida e para a natureza é calcado por uma modernidade predatória, com tecnologia alta e veloz na produção, benefícios economicamente rápidos, mas que desconsidera os aspectos ambientais, culturais, políticos e sociais do campo, conduzindo a quem o adere a não se preocupar com a sustentabilidade rural e ambiental, muito menos com a qualidade dos alimentos produzidos.

Em seus estudos sobre a agricultura convencional e sua hegemonia Schmidt e Lovato (2006, p. 13) esclarecem que foi fortalecida no período após a Segunda Guerra Mundial, tendo como característica a utilização de “insumos industriais e pela ênfase na alta resposta a esse uso e na quantidade produzida”, desconsiderando as desigualdades alimentares.

Produzir alimentos, é acima de tudo uma questão de soberania e qualidade de vida, além de defesa dos recursos ambientais. Por isso, vêm crescendo cada vez mais a preocupação por novas formas de produzir que alie a preservação ambiental, a produção de alimentos saudáveis e a defesa da vida dos povos tradicionais e rurais. Crescem iniciativas de produção que alia preservação ambiental, produção de alimentos saudáveis e defesa dos povos tradicionais (ALTIERI, 2006).

A AMARI, do município de Ji-Paraná, distrito de Nova Colina – Rondônia, constroem juntas a agroecologia em suas terras, florescendo em esperanças a partir de sua iniciativa, na realidade rondoniense elas se consolidam enquanto práticas de organização e resistência na quebra de paradigmas postos pelo agronegócio.

O olhar para o campo é na procura de meios de sobrevivência, diminuindo desigualdades, conflitos sociais e a superpopulação nas cidades, que oferta para quem vem do campo pouco ou nenhum espaço e na maioria das vezes resta desemprego, discriminação e aglomerados sem estrutura física e humana nos locais periféricos das cidades. Fortalecer a agricultura familiar é essencial para que haja estruturas sólidas entre as famílias produtores/as rurais, confrontando assim a hegemonia do agronegócio e edificando o campo (SILIPRANDI, 2015).

Mulheres e homens são seres diversos, com dons peculiares, experimentações e sensibilidades específicas e até mesmo, opostas. Essas diferenças vão desde a anatomia de seus corpos até as formas de se expressarem, interpretarem e analisarem a vida. Suas naturezas, divergentes entre si, deveria ser espaço para complemento, algo que se somasse e se transformasse em jeito de caminhar conjunto e em unidade. Mas, estas, lamentavelmente e contraditoriamente, tornaram-se ao longo do tempo, espaço para formas de dominação, exclusão e discriminação.

Ao referir-se o conceito gênero, espontaneamente há a condução das diferenciações entre masculinidade e feminilidade em todos os âmbitos: sociais, físicos, culturais e históricos. A partir

Conflitos culturais no território camponês: a luta por empoderamento feminino da Amari
Jéssica Ferreira Costa

das concepções culturais e históricas, e com uma leitura crítica da realidade percebe-se que o conceito gênero é marcado por desigualdades no que se refere ao homem sobre a mulher, nascidos num sistema patriarcal como observado anteriormente.

Em seus estudos sobre o trabalho feminino Saffioti (2013) conclui que a mulher sempre esteve contribuindo para a economia através de seus trabalhos, o que sempre conduziu a mulher para desenvolver o trabalho foi a ânsia sempre presente na alma feminina de buscar maior conforto e segurança familiar.

Desafios de desvalorização da mulher nesse processo são aos poucos e gradativamente superados, pois do mesmo modo em que novas alternativas de cultivo à terra são viáveis, o cultivar de novas formas de relações também são possíveis de serem construindo, sendo esses fenômenos possibilitadores de novas formas de olhar a realidade, transvendo-a em respeito e harmonia (SILIPRANDI, 2015).

O olhar aproximado das realidades e desafios de cada mulher agricultora, que se organiza socialmente e politicamente, no seu pedaço de chão como ocorre com a AMARI, revelam que há sim propostas que edificam a vida, a terra, os recursos naturais e promovem outra forma de sociabilidade, fundada principalmente no amor à terra e no querer bem para as famílias.

O principal anseio é o de construir mudanças que melhorem a realidade social, ambiental e econômica para as populações camponesas em suas mais diversas formas de ser e de se fazer presença no mundo. Para isso tem-se a fé na melhoria de homens e de mulheres para a construção coletiva desse mundo melhor, como poetiza Cora Coralina (2017, p. 92): “creio numa força imanente que vai ligando a família humana numa corrente luminosa de fraternidade universal. Creio na solidariedade humana. Creio na superação dos erros e angústias do presente”.

Assim salta-se para além do otimismo, mas do crer real dos valores humanos para o bem comum e para a fraternidade. Acreditando nas pessoas e na ciência, nas propostas agroecológicas e nas relações mais igualitárias de homens e mulheres, raças e culturas. Divergências que podem ser somatizadas em complementariedade e união, e as diferenças espaço de respeito e reverência.

Como caminhos alternativos escolhidos para serem trilhados pelo grupo de mulheres da Associação de Mulheres Agroecológicas do setor Riachuelo do município de Ji-Paraná, distrito de Nova Colina – Rondônia, tornando-se para esta realidade rondoniense um dos exemplos vívidos de resistência e organização popular cuja principal motivação advém de seus posicionamentos políticos, sociais e utópicos para suas famílias e para a sociedade a fim de avançarem dando um passo de cada vez, mas ininterruptos, de buscarem formas de romperem com paradigmas e

Conflitos culturais no território camponês: a luta por empoderamento feminino da Amari
Jéssica Ferreira Costa

conceitos pré-estabelecidos pela sociedade capitalista brasileira que em nada oferece para que haja uma soberania alimentar no país, ao mesmo tempo em que elas constroem juntas a agroecologia em suas terras, florescendo em esperanças a partir de sua iniciativa.

A AMARI organiza reuniões mensais para manter a coletividade, enquanto espaço político de tomada de decisões sobre os rumos da associação, e na luta por políticas públicas e sociais.

Figura 2 – Primeira reunião, 31/08/2018



Fonte: COSTA, 2018.

Figura 3 – Primeira reunião, 31/08/2018



Fonte: COSTA, 2018.

Nas reuniões ocorrem troca de experiências de cada unidade familiar, de modo a enriquecer as produções, e assim se fortalecem e aprimoram técnicas e alternativas na produção orgânica e novas formas de equilíbrio natural dos agrossistemas.

As mulheres possuem uma consciência de sua importância na produção e condução de uma proposta alternativa, vendo-se enquanto protagonistas da associação e de se identificarem enquanto mulheres, trabalhadora rurais. O protagonismo que as mulheres da AMARI conseguiram construir, foi fruto de muitos embates no território e nas suas relações familiares, conforme relata a entrevistada B

quando eu decidi me juntar às outras mulheres, encontrei muita falta de compreensão, meu marido não conseguia entender o porquê eu queria trabalhar e vender, e a minha sogra perguntou se alguma coisa me faltava. (entrevistada B, novembro, 2018)

A constituição desse grupo mulheres demonstra a resistência e a viabilidade de novas concepções. Mulheres camponesas que buscam por protagonismo na produção de alimentos é cada vez mais urgente para que haja novas formas de relações culturais construídas, pois só assim será possível, mediante a nova consciência crítica e com firme posicionamento político, vindo das mulheres, ao se perceberem como mulher produtora rural. A experiência realizada diante de cada

uma dessas mulheres ao participar de seus espaços, foi transformadora, compartilhando de seus risos de felicidade por produzirem por mãos, comercializando e tendo autonomia.

Outro caminho de produção escolhido pelas mulheres que compõem a AMARI é da agroecologia, que também revela seus desafios como a falta de fortalecimento de políticas públicas que viabilizem a produção e comercialização, e também no controle adequado de pragas, sem o uso de insumos químicos, a entrevistada D revela por sua experiência essas dificuldades ao relatar que,

eu produzo hortaliça, pomal, laranja, banana, e outras coisas, e entrego no PAA, mas está parado agora, e também na feira, em Ji-Paraná.” “falta de apoio do governo e falta uma real consciência da população sobre o orgânico. Aqui na associação ainda falta sementes crioulas, precisamos sair das transgênicas, e sementes vindas de outro estado não se adapta fácil com nosso solo, e a gente acaba perdendo (entrevistada D, novembro, 2018).

Outro relato importante de ser registrado é da entrevistada C, que também dialoga às dificuldades burocráticas que encontra ao comercializar sua produção,

aqui eu produzo horta em conjunto com a Rosa, minha irmã, e frutíferas também como abacaxi, caju, cupuaçu, maracujá, bacana e outras diversidades. Atualmente não comercializo, pois no PAA devido uma situação burocrática da DAP da terra não posso estar inscrita, pois só podendo quem trabalha somente com a terra e aqui em casa temos trabalho do Jurandir na EMATER. Mechemos agora mais com bezerros. A dificuldade de produzir é a mão de obra, é muito serviço e poucas pessoas, e outra situação é a falta de sementes crioulas, prontas para o nosso clima e solo (entrevistada C, novembro, 2018).

Assim, com a análise da prática realizada junto às mulheres que participam do espaço político da associação AMARI, se entende que encontraram voz e vez e apesar das dificuldades acerca do atual cenário político sobre a escassez de recursos públicos para o Programa de Aquisição Alimentar- PAA, dentre tantos outros possíveis, continuam determinadas no modo de produzir sem veneno e confiantes de um amanhã melhor sempre lutando para que possa conquistá-lo.

A centralidade de políticas públicas para o campo torna-se mecanismo de garantia de subsistência das famílias e auxilia toda a comunidade que se beneficia da troca de alimentos.

A família ao produzir, tendo o destino certo para enviar seus alimentos como escolas, creches e outros terá maior garantia de renda. Por isso, o Programa de Aquisição Alimentar – PAA é fundamental para o campesinato e deve ser mantido pelo Estado, pois é notória a satisfação de todos os sujeitos e sujeitas envolvidos no processo, uma vez que o produtor produz e vende e os locais públicos têm segurança da qualidade dos alimentos.

Outro exemplo é o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, que com os mesmos princípios e objetivos melhoram a vida dos produtores e produtoras rurais, sendo restrito

para as etapas de educação básica pública, ao repasse do Governo Federal de recursos financeiros que permitam essa transação.

As mulheres que compõem a associação, comercializam seus produtos no Feirão do Produtor Rural do município de Ji-Paraná e todas apresentam a certificação, documento que garante a origem orgânica dos alimentos para os/as consumidores/as. Aliar campo e cidade, torna-se possibilitadora de fortalecimento da agricultura e para que possam conseguir renda de suas produções, além de oferecer para a cidade produtos naturais e benéficos para a saúde, como o caso de hortaliças orgânicas.

Figura 4: Produtora rural e participante da AMARI apresentando sua horta.



Fonte: COSTA, 2018.

A produção de alimentos orgânicos é vantajosa financeiramente para as populações rurais, uma vez que têm despertado nos consumidores uma consciência acerca da importância de alimentos saudáveis, e os ricos de contaminação quando se adere a uma alimentação com veneno.

Para a construção de sustentabilidade movida pela agroecologia enquanto alternativa, através de um modo de produção saudável tanto para o solo, animais e para a humanidade e pela superação das divergências sociais, e históricas entre homens e mulheres, conduzem para a revelação de alguns desafios postos na conjuntura social, política e histórica, a serem superadas, e

a experiência evidenciada na atuação da AMARI revelaram ser caminhos alternativos sólidos, sendo postos abaixo:

a) A necessidade de uma nova prática educativa permitirá diálogos conscientes, politizados e realistas das contradições do sistema capitalista-patriarcal, tornando a partir da educação uma possibilitadora de mudanças significativas pela via da conscientização.

b) As mulheres camponesas devem buscar por ocupar os espaços políticos e de lideranças, tanto da política do estado ou município quanto dos movimentos sociais, assumindo postos de liderança nas associações e etc., pois são elas que compreendem a partir das experiências adquiridas no dia a dia, as suas negações, contradições e necessidades, assim poderá alcançar chances reais de alcançarem avanços em relação a autonomia e reconhecimento social e político no campo, na plantação e na vida, fazendo nascer a esperança de mais igualdade a partir da conquista de direitos para melhores condições de vida.

Neste sentido Caporal (2003, p. 5) defende a o conceito de “extensão rural agroecológica”, enfatizando que,

um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os leve a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objetivo de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando princípios teóricos da agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo.

c) A devida assistência técnica e acompanhamento da produção por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER por profissionais também em sintonia com o modo de produzir orgânico e agroecológico, também são primordiais. Profissionais eficientes na busca de técnicas e práticas que promova proteção no uso dos recursos naturais e com o mínimo de danos ecológicos, que procure viabilidade em conjunto com as mulheres e homens para uma produção alternativa, sendo estes/as profissionais livres do conservadorismo e de posicionamentos do modo de produção convencional.

d) Outro desafio é em relação de alternativas em Políticas Públicas, como mecanismo essencial, estas devem oferecer autonomia e independência à mulher, enquanto sujeita social reconhecida por sua produtividade.

O que se apresenta, de fato, é uma revolução do cuidado e uma nova reconfiguração cultural no campo, bem como uma profunda consciência nos homens e mulheres camponesas da ação política atuante e em busca de igualdade e justiça.

CONCLUSÃO

Os resultados dos estudos empregados neste trabalho, permite afirmar que a Associação das Mulheres do Setor Riachuelo, através da Agroecologia, vem mostrar que apesar do discurso oficial sobre a racionalidade do agronegócio existe um contra discurso apontado para um novo rumo. Tem-se na agroecologia, enquanto movimento social, saída para a construção de novas alternativas no plantar e colher de alimentos saudáveis, livres de agrotóxico e de dependência de insumos químicos visando também uma sociedade socialmente justa e ambientalmente sustentável SILIPRANDI (2015).

A construção desse percurso realizado pelas mulheres não se edificou de forma linear/homogêneo, mas pelo contrário os conflitos/contradições são imprescindíveis quando se quer a mudar uma realidade tanto no âmbito do espaço privado (casa) quanto do espaço produtivo, mesmo porque compreende-se tais espaços numa perspectiva dialética.

Nesta perspectiva torna-se imperativo reconhecer a mulher camponesa e o seu papel como parceira na produção, pois estas contribuem no plantio tanto quanto os homens, a partir desse reconhecimento as relações sociais seguirá mais sólidas e a mulher receberá o seu destaque tão merecido, fortalecendo assim a sua identidade enquanto produtora rural, tornando-se sujeito de sua própria história.

O acompanhamento com as mulheres da Associação AMARI, trouxe a firmeza na concreticidade que é a produção de alimentos orgânicos e a contribuição das mulheres para uma nova sociabilidade no campo, revelando também a necessidade de políticas públicas para a comercialização de produtos orgânicos, e que estas não podem faltar, cabendo ao governo ofertar recursos financeiros para mediar a demanda por alimentos saudáveis (SILIPRANDI, 2015).

Pode-se afirmar que a Associação das Mulheres do Setor Riachuelo, através da Agroecologia, revelam desafios postos, como: A necessidade de uma nova prática educativa, que permitirá diálogos conscientes, politizados e realistas das contradições do sistema capitalista patriarcal; a ocupação de espaços políticos e de lideranças pelas mulheres camponesas;

Acompanhamento da produção por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER por profissionais em sintonia com o modo de produzir orgânico e agroecológico.

Assim, diante dessas contradições naturalizadas é que dialogar sobre gênero e campesinato se torna essencial, devendo ocorrer dentro de espaços coletivizados, para que juntas possam refletir sobre suas condicionalidades no campo em os desafios a serem solucionados

A agroecologia surge também enquanto movimento social a partir dos questionamentos que lança contra essas estruturas machistas e de toda forma de discriminação que afeta negativamente as relações sociais no campo, assim concluímos a partir do que aqui foi vislumbrado, o quanto se soma tanto para a unidade familiar, quanto para a economia local, toda e qualquer organização social realizada por mulheres a fim de lutar por sua emancipação e alcançar os espaços políticos e sociais.

Esse trabalho pôde explanar, ainda que timidamente, o quanto a agroecologia pode favorecer para a construção de novas alternativas no plantar e em colher de alimentos saudáveis, livres de agrotóxico e de dependência de insumos químicos visando também uma sociedade socialmente justa e ambientalmente sustentável.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M.A; NICHOLLS, C.L. Prefácio. In: SCHMIDT, W; LOVATO, P. E.(orgs). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural: experiências e reflexões de agente de desenvolvimento local**. Chapecó: Argos, 2006.

Barragán, M. A; LANG, M; CHAVES, D. M; SANTILLANA, A. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In. DILGER, G; LANG, M; Filho, J. P (org.) **Decolonizar o imaginário – Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento**. Editora Elefante. 1ª Ed. 2020, 434 p.

CAMPOS, C. S. S. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia como matriz disciplinas para um novo paradigma de desenvolvimento rural Sustentável. Brasília: MDA, 2006. 26.

CORALINA, C. Oferta de Aninha (aos moços). In DENÓFRIO, D. F (Org.). **Melhores Poemas Cora Coralina**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 2017.

COSTA SILVA, R. G. A regionalização do agronegócio da soja em Rondônia. GEOUSP: espaço e tempo, v. 18, p. 298-312, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

NUNES, J. A; SOUZA, V. A. **Agroecologia, Juventude e Permanência no Campo: uma relação possível?** In DICKMAN I. (Org.). Vozes da Educação. V. 8 São Paulo: Dialogar, 2018.

PIRES, J. Por uma ética da inclusão. In Martins, Lúcia. **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3ª.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2ª reimpressão, 2004.

SCHMIDT, W; LOVATO, P. E. (orgs). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural: experiências e reflexões de agente de desenvolvimento local**. Chapecó: Argos, 2006.

SIMMEL, G., **A natureza sociológica do conflito**, in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

Recebido em: 30 de outubro de 2021
Aceito em: 27 de dezembro de 2021